



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Centro de Educação- CEDU  
Maceió - Alagoas - Brasil

## **COMO A IMAGINAÇÃO E OS SONHOS SÃO REPRESENTADOS NA FILOSOFIA ATRAVÉS DA ARTE?** Uma experiência filosófica e interpretativa com um aluno do 6º ano do Ensino Fundamental II, em Maceió/AL

**Yvisson Gomes dos Santos (UFAL)**

**E-mail: [yvissongomes@hotmail.com](mailto:yvissongomes@hotmail.com)**

### **RESUMO:**

O presente artigo refere-se a uma experiência de leitura e interpretação textual de um capítulo de um livro de Filosofia para o 6º ano do Ensino Fundamental II, o qual observamos a premência, do referido capítulo, em solicitar uma pergunta filosófica como atividade avaliativa aos discentes (GRESPLAN, 2022). Nossa participação se desenvolveu de forma sistemática com o aluno e sobrinho, I. B. G., de 12 anos de idade, que solicitou que estudássemos juntos aquele manuscrito, objetivando a confecção de uma pergunta filosófica, a saber: “Por que imaginamos?” - construção interrogativa feita por I. B. G., unicamente por ele, alinhado, de acordo com o livro didático, e que teve como acréscimos representações imagéticas de obras de arte entrelaçadas com a psicanálise. A construção desse artigo científico deu-se com o diálogo estabelecido entre mim e meu sobrinho, evidenciando que a edificação cognitiva de um discente da Educação Básica, especificamente do sexto ano do Ensino Fundamental II, quando inquirido sobre o saber-perguntar-filosófico, veio a refinar o pensamento crítico e reflexivo acerca da pergunta filosófica elaborada por ele e desenvolvida neste texto, por mim, o tio do discente – através de duas aulas particulares e sem fins lucrativos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia. Ensino fundamental II. Arte. Psicanálise. Pergunta.

## **1 INTRODUÇÃO**

Dadas as devidas proporções, estudar Filosofia na Educação Básica, especificamente no sexto ano do Ensino Fundamental II é uma tarefa que se faz necessária à formação educativa e humana a uma criança. Já temos a obrigatoriedade do componente curricular de Filosofia para o Ensino Médio, amparada pela LDBEN 9396/96 (com incisos atualizados) e, em raríssimos casos, na *práxis*, para o Fundamental II. A presente pesquisa trata-se de um livro escolhido por uma Escola Privada, de Maceió/AL, no qual, eu, como professor efetivo de Filosofia da

Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (SEDUC/AL), me propus a acompanhar meu sobrinho e aluno dessa escola privada de Maceió, em seus estudos filosóficos através de encontros pontuais em minha residência, advindas da demanda de I.B.G. em estudar com o “Tio Yvisson” o referido capítulo do livro didático. Em termos gerais, uma aula particular sem fins lucrativos.

Infelizmente no âmbito público educacional, o componente curricular de Filosofia na série do sexto ano, em Alagoas, existe somente na prefeitura da Barra de Santo Antônio. Ou seja, no espaço de uma escola pública em solo alagoano, apenas um município se destaca e os outros não.

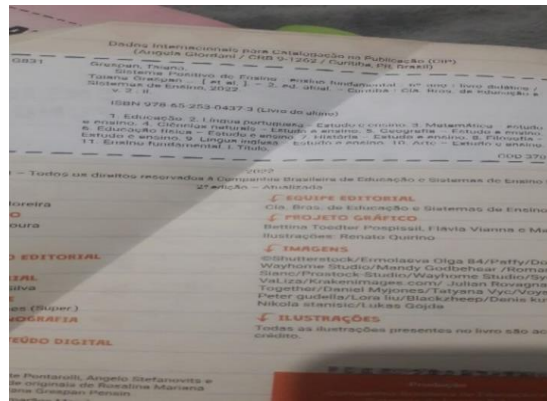
Como dito acima, a escola é do ensino privado e não confessional, acrescento, em que se observa a complexidade e dinamicidade do compêndio escolar sobre a Filosofia, já sendo trabalhada no ensino escolar das séries finais do Fundamental. Nossa participação foi de orientar I. B. G. na leitura do capítulo intitulado: “Os olhos da Imaginação” (GRESPLAN, 2022), que propunha uma pergunta filosófica a ser elaborada pelo discente/sobrinho.

Categorizamos tal capítulo do livro didático como instigante para um leitor infantil, e que trata, também, de um conteúdo necessário à formação educacional e humana dos alunos desta esfera do Ensino Fundamental II, do sexto ano, especificamente. Acrescentamos que para o presente artigo, sobrepusemos alguns autores que torneavam o capítulo do livro didático com a finalidade de ampliar o escopo discursivo deste presente artigo.

## **2 POR QUE IMAGINAMOS?**

Inicialmente, em uma das questões propostas pelo livro didático (GRESPLAN, 2022) foi sugerido a feitura de uma pergunta filosófica, e assim respondida pelo discente I. B. G.: “*Por que imaginamos?*”. Nesse instante, correlacionarei as discussões filosóficas que tive com meu sobrinho/discente por meio dessa presente escritura científica. Evidencio que nossas conversas ou, diálogos, foram em dois encontros para esse momento. O local foi em minha residência, nas datas de 18 e 20 de setembro de 2022, às 19h e 18h, respectivamente.

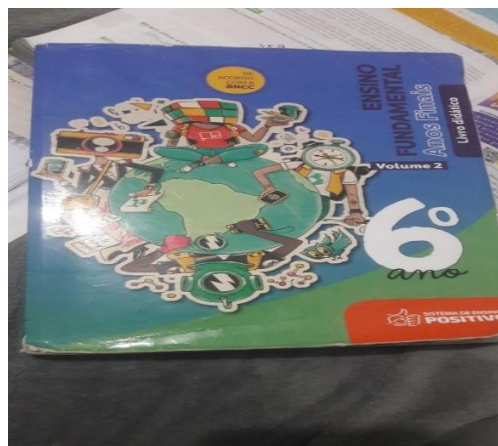
Imagem 1



Fonte: do autor

Na imagem 1, encontramos a ficha catalográfica do livro do Fundamental II, sexto ano. Na Imagem 2, a capa do livro didático. E na Imagem 3, o capítulo do livro intitulado: “Os olhos da Imaginação”.

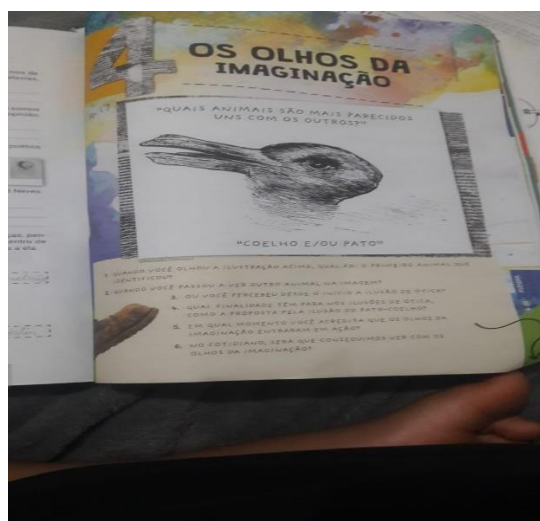
Imagem 2



Fonte: do autor

Desta feita, a pergunta que proposta por I. B. G. (“Por que imaginamos?”) poderá ser vista como uma questão filosófica. Primeiro, pela obviedade da pergunta (o óbvio é também ofício do Filósofo), e segundo porque a *imaginação* é inerente ao homem que, por sua vez, pode ser considerado um problema filosófico desde os gregos antigos até a atualidade. Podemos pensar que na Grécia dos Pré-socráticos se questionava que tudo advinha do fisicalismo (imagina-se isso), bem como entre os socráticos a necessidade de conjecturar o homem e suas relações com a ética, o amor, a justiça, a amizade, a imaginação, dentre outros.

Imagem 3



Fonte: do autor

Podemos dizer que imaginar é criar uma história particular, com personagens, enredos, sons, cores, tais como um sonho. A imaginação é um elemento cognitivo que permite ao homem utilizar-se da criatividade em potência. Nesse potencial, podemos dizer que “a criatura se torna criador de si mesma e de seus desejos” (CRESPAN, 2022, p. 205) através da imaginação.

De acordo com o que foi estudado nas aulas de Filosofia até o momento (dias 18 e 20 de setembro de 2022), os recursos ou a mecânica da imaginação são inerentes ao mundo onírico que foi descrito por Sigmund Freud.

O pai da Psicanálise recorreu aos sonhos como representação de desejos infantis, principalmente. A estrutura de um sonho, em seu conteúdo manifesto - o que é lembrado -, inevitavelmente, tem de passar pela barreira da repressão para chegar ao discurso do sujeito que fala de seu sonho, ou seja, o sonho manifesto (FREUD, [1900a] 1996). Para isso, temos a censura que evita que sonhos latentes sejam despejados, indiscriminadamente, nos manifestos. Nosso psiquismo é formado, através da *Primeira Tópica* de Freud, pelo inconsciente, pré-consciente e consciente. Já na *Segunda Tópica*, temos o Id, Ego e o Superego. Sobre o sonho:

O sonho tem um sentido, e esse sentido é correlativo do trabalho de interpretação. A explicação ‘neurológica’ cede lugar a uma decifração do sentido. É nesse momento que se articulam o desejo e a linguagem. E é por pertença à linguagem que o sonho vai tornar-se modelo para a compreensão dos sintomas, dos mitos, das religiões, da obra de arte como formas

dissimuladas do desejo. Essa é a razão pela qual Freud afirma que o sonho é o pórtico real da psicanálise (GARCIA-ROZA, 2004, p. 60).<sup>1</sup>

No inconsciente se encontram todos os elementos instintivos e lembranças indesejáveis que guardamos em nosso psiquismo, ou lembranças encobridoras, a saber:

Verificamos então que há duas forças psíquicas envolvidas na promoção desse tipo de lembranças. Uma dessas forças encara a importância da experiência como um motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra – uma resistência – tenta impedir que se manifeste qualquer preferência dessa ordem. Essas duas forças opostas não se anulam mutuamente, nem qualquer delas predomina (com ou sem perda para si própria) sobre a outra. Em vez disso, efetua-se uma conciliação [...] e a conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si – nesse aspecto prevalece a resistência; o que se registra é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção [...] o resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original, produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira. E já que os elementos da experiência que suscitaram objeção foram precisamente os elementos importantes, a lembrança substituta perde necessariamente esses elementos importantes e, por conseguinte, é muito provável que nos afigure como trivial” (FREUD, [1899], 1996, p. 290).

Nelas, nossos traumas fazem *habitat*, podendo ser alojadas, metaforicamente, em um porão no qual são depositados tudo aquilo que esquecemos em nossa história de vida por motivos singulares. O local seria o inconsciente. Lê-se:

Esses desejos sempre ativos, como que imortais, do nosso inconsciente, que lembram os Titãs do mito, sobre os quais pesam desde os primórdios as grandes massas das montanhas que um dia lhes foram impostas pelos deuses vitoriosos e que, sob as convulsões de seus membros, ainda tremem de vez em quando [...] (FREUD, [1907] 1996, p. 604-605).

Podemos dizer que do Id (inconsciente) se originou o Ego (consciente). O Id é a “Coisa”, “O Estranho” de nossos desejos. Já no pré-consciente reside a memória que podemos evocar, a saber: Qual a minha idade? O que eu fiz segunda-feira pelo dia? Qual o nome dos meus avós? etc. Já o Consciente é tudo aquilo que tenho contato e percebo instantaneamente. A frase de Descartes: “Penso, logo existo”<sup>2</sup> é consciente. A percepção do meio em minha volta: a cor da parede de minha casa, as portas, janelas, o que escrevo e percebo na lógica gramatical, o que compreendo racionalmente, dentre outros, são elementos do Consciente.

<sup>1</sup> GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

<sup>2</sup> DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2009, p. 231.

Na companhia de Freud e no capítulo do livro de Filosofia de I. B. G., pude perceber que no pré-consciente e consciente temos uma instância chamada de superego.

Essa instância representa todas as moralidades que adquirimos através da família e da sociedade. O que não se deve fazer; o que é certo e errado; os dez mandamentos e suas regras; as leis de boa convivência, as proibições, dentre outros. Esses ditames me foram introjetados como proteção contra os meus desejos instintivos e transgressores advindos do Id. E ao Ego cabe organizar as conflitivas do Id e Superego para mantermos a saúde mental, ou seja: uma “justa medida neurótica” (CRESPAN, 2022, p. 206). O Ego é uma instância consciente, frisamos. Sobre o superego:

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (conscience) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (FREUD, [1923a] 1996, p. 49).

Dadas as explicações acima, o livro didático trata sobre a estética, mas especificamente sobre a arte como manifestação das estruturas psíquicas elaboradas por Freud, acrescentando que:

[...] em seu percurso para criar a psicanálise [Freud] fez muitas referências à arte, algumas diretamente relativas ao artista e ao processo artístico, outras se preocupando mais especificamente com a própria obra, havendo também estudos dirigidos aos efeitos que estas produzem em quem é tocado por elas. Podemos ainda encontrar trabalhos onde ocorrem mesclas de todas essas preocupações (AUTUORI; RINALDI, 2014, p. 03).

Quando estudamos sobre Salvador Dalí, o surrealista, conseguimos pensar que suas pinturas podem ser vistas como um sonho. Por exemplo, seus relógios líquidos representam um tempo desconhecido, tal como o sonho. As cores quentes e vivazes são expressões oriundas das obras de Dalí. Bem como as temáticas que orbitam suas produções artísticas podem ser consideradas um imaginário onírico passível de interpretações, ao modelo freudiano.

Sabemos que a arte é uma criação humana, e para Freud um mecanismo de defesa chamado de sublimação (falaremos sobre ela logo mais). Desde as pinturas nas cavernas do Paleolítico até os pintores renascentistas e o próprio Salvador Dalí, temos esse recurso criativo que nos faz pensar: por que imaginamos? Por que criamos

uma obra de arte? Graças a sublimação devido ao deslocamento da catexia libidinal para o Ego, lê-se:

Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar – na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade ou a tendência à unidade, que é particularmente característica do ego (FREUD, [1923] 1996, p. 61).

Dessexualizar implica em um compromisso com a sublimação, um compromisso contratual e civilizatório. Voltando a primeira pergunta que deu origem a esse texto poderíamos afirmar: imaginamos para sobreviver. Sobre a criação de uma obra artística podemos falar: produzimos arte para dar voo à imaginação e, algumas vezes, personificá-las. A estátua da Vênus de Milo é a personificação do amor, ou seja, crio o que desejo para representar o meu desejo: o amor. O Cupido e deuses olímpicos representam a relação imagética dos meus sonhos e desejos inconscientes ditos, inicialmente, através da história oral, bem como nos escritos sobre essa divindade. Podemos dizer, com a Psicanálise, ser ela a representação da “falta” (Desejo, Eros). Se sentimos falta criamos para suprir tal demanda – eis o mote central do porquê da manifestação artística. Para Freud:

A arte é uma realidade convencionalmente aceita, na qual, graças à ilusão artística, os símbolos e os substitutos são capazes de provocar emoções reais. Assim, a arte constitui um meio caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação – uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor (1993, p. 222)<sup>3</sup>

Já havíamos falado que um sonho possui um enredo. Têm personagens, formas, cores, cheiros e locais incompreendidos pela minha consciência. Uma obra de arte poderá funcionar desta mesma forma.

A arte dos Surrealistas como Dalí, ou dos Cubistas, como Picasso, pelo verniz freudiano, pode ser considerada uma aparição do meu inconsciente o qual a censura não conseguiu se interpor. Se a censura se fizer presente nessas obras de arte, talvez ela tenha se passado despercebida nas imagens, torções e no conceito ideativo e afetivo que o autor da obra de arte “teima em tentar saber” (ou talvez não saiba), e que é um alibi (ato falho) para as interpretações aos que apreciam essas obras, ou seja, nós expectadores. Por ato falho entendemos como “a repressão da intenção de dizer algo [como] condição imprescindível para que o *lapsus verbal* ocorra” (FREUD,

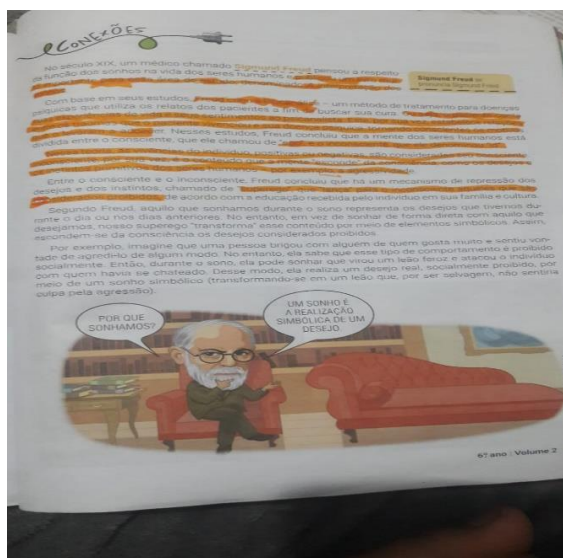
---

<sup>3</sup> FREUD, S. **Interesse científico da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993.

[1917] 1996, p. 87, grifo nosso). No sentido concomitante com a estética, um autor poderá sublimar seus desejos numa obra de arte e nela está contida um lapso estético não visualizado pelo seu criador.

Sem a arte e suas manifestações nossa vida seria de uma cruza sem fim, sem graça, sem agradabilidade e, também, sem os sonhos não conseguiríamos despejar nossos desejos para serem interpretados por um psicanalista, por exemplo, e sermos sujeitos saudáveis. Freud, em sua obra *Interpretação dos Sonhos* ([1900] 1996), fará alusão aos sonhos através dos mecanismos de *condensação* e *deslocamento*

Imagem 4<sup>4</sup>



Fonte: do autor

Vou dar um exemplo que se encontra no livro didático: Eu sonho com alguém que não posso saber, conscientemente, o seu nome. O que passa pela censura (repressão) vem simulado por uma outra pessoa. Ou seja, desloquei outro personagem para não me recordar de um determinado trauma infantil que tinha com tal pessoa notável, originariamente. E condensei a história onírica para poder recebê-la na consciência sem traumas. A obra de arte funciona tal e qual como o mecanismo de um sonho latente (censurado) e manifesto (lembrado), mas que tem a possibilidade de transpor a censura por ser um ofício estético, transbordando-se (CRESPAN, 2022).

<sup>4</sup> Imagem 4: Conexões com Freud (observa-se o texto grifado pelo aluno I.B.G.).



Na arte tudo se mescla, se mistura dando-nos um sentido (des)conhecido. A nosso ver, uma verdadeira obra de arte é aquela que se camufla, mas se mostra. Um mecanismo de *sublimação*. Ou nas palavras de Freud:

Uma satisfação deste tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem 'mais refinadas e mais altas'. Contudo, sua intensidade se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos grosseiros e primários; ela não convulsiona o nosso ser físico (FREUD, [1923] 1996, p. 98).

No mais, somos devedores da arte, dos sonhos e da Psicanálise (como intérpretes) para entendermos nosso potencial imaginativo, criador e psíquico. Sem essas válvulas de escape, talvez fôssemos seres irracionais, sem o *Lógos* (discurso racional, palavra, razão - do grego) que define o homem do saber e do processo civilizatório.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto nesse artigo, podemos aferir que a Filosofia como componente curricular para as sérias finais do Fundamental, especificamente ao sexto ano, nos trouxe a percepção da interdisciplinaridade sobre a temática da Imaginação. O aluno e meu sobrinho I.B.G, de 12 anos completos, estimulado pelo livro didático, pode estudar sobre a função da imaginação através dos recursos epistemológicos da psicanálise e da arte. Em nossos encontros, dois ao todo, a pergunta do discente “Por que Imaginamos?” encontrou respaldo no ato do pensar filosófico através da necessidade humana de criar, imaginar, pensar sobre esse ato ideativo.

Já pela instigante pergunta de I.B.G., podemos aventar que o que se transcorreu nos estudos do capítulo do livro didático referendado, trouxe-o, minimamente, a construção de uma problematização. Recurso epistemológico do saber/fazer filosofia e pesquisa.

Devemos lembrar que por se tratar de uma escola particular e não-confessional, bem como observando que no Estado alagoano apenas uma escola pública possui o componente curricular de Filosofia no sexto ano, o aluno e sobrinho I.B.G. poderá ser considerado privilegiado nesse campo específico do conhecimento

educativo. Necessitando que os poderes públicos municipais, em específico, se inclinem para a inclusão da Filosofia no Ensino Fundamental II, não como diletantismo, mas como necessidade para aperfeiçoar e capacitar os seus discentes a uma facilitação do saber filosófico em tempos de infância, concluímos.

## REFERÊNCIAS

AUTUORI, S.; RINALDI, D. **A Arte em Freud**: Um estudo que suporta contradições. Bol. - Acad. Paul. Psicol. [online]. 2014, vol.34, n.87 pp. 299-319. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2014000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1415-711X> Acesso em 26/10/2022.

BRASIL. **LDBEN 9394/96**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 29/10/2022.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2009.

FREUD S. (1889). **Lembranças encobridoras**. Edição Standard Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1900) **A Interpretação dos Sonhos (1900)**. Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1907) **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Edição Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1917) **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1923) **O ego e o id**. Edição Standard Brasileira das Obras Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_ (1923b). **A organização genital infantil**: uma interpolação. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1930) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Interesse científico da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GRISPAN, T. **Sistema positivo de ensino**. Ensino Fundamental. 6<sup>o</sup> ano. 2 ed. Curitiba: Cia Brasileira de Educação e sistema de Ensino, 2022.